



Prefeitura Municipal de Grão-Pará

ESTADO DE SANTA CATARINA

SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO E CULTURA

COMPONENTE CURRICULAR: Língua Portuguesa

CARGA HORÁRIA SEMANAL DA ATIVIDADE: 4 aulas

TURMA: Bloco c – Ensino Médio

PLANEJAMENTO SEMANAL: 08 A 12 DE JUNHO DE 2020

ATIVIDADES DE APRENDIZAGEM

A literatura brasileira contemporânea

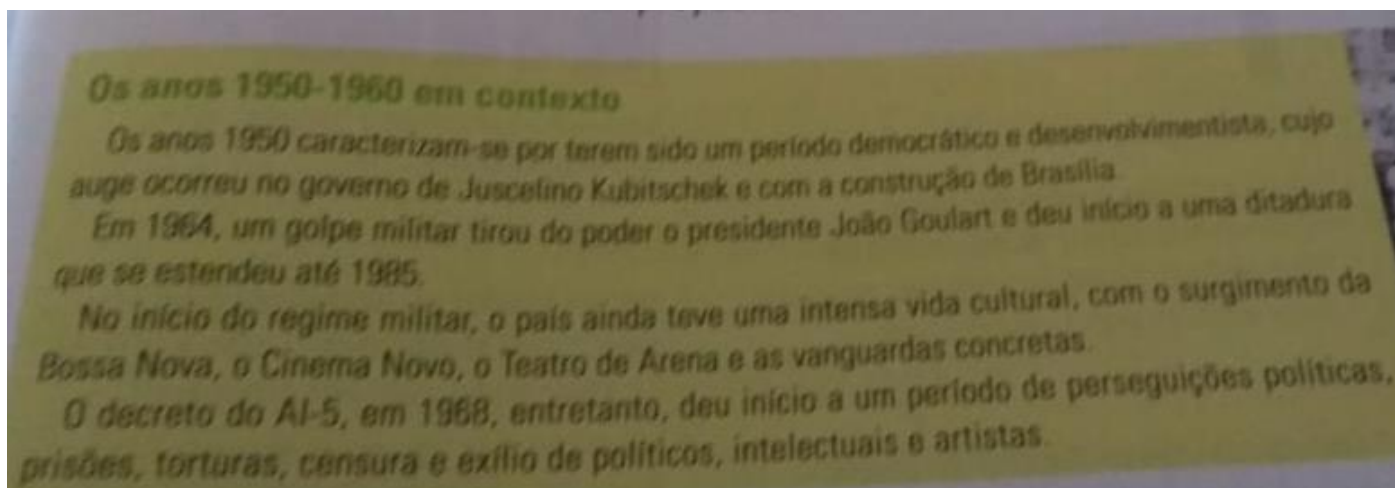
Definir quando começa a literatura brasileira contemporânea, ou seja, a literatura do nosso tempo, não é tarefa fácil. Evidentemente nelas não se incluem apenas autores vivos, mas também autores cujas obras ainda são muito lindas e tem grande relação com o nosso tempo.

Segundo alguns especialistas, o início da literatura contemporânea se situa nas décadas de 1950 e 1960, pois nesse momento ocorreram manifestações artísticas que produziram desdobramentos importantes na Cultura e na literatura nas décadas subsequentes.

O concretismo

O primeiro movimento importante do período contemporâneo da nossa literatura é o Concretismo, que surgiu em São Paulo, com o lançamento da revista Noigandres (1952-1962), publicada pelos irmãos Augusto e Haroldo de Campos e por Décio Pignatari. O grupo tinha como proposta uma poesia concreta, isto é, uma poesia-objeto, sem presença do eu lírico, que falasse por si só, radicalizando as experiências com a linguagem objeto, feitas por João Cabral de Melo Neto. Influenciada pelo Futurismo e pelo Cubismo, a poesia concreta rompe a conversa linear e explorava recursos tipográficos, como tipos e tamanhos de letras, cores, texturas, sugerindo o movimento e convidando o leitor para ler o texto de variadas formas. Também participaram desse grupo os poetas José Lino Grünwald, Ronaldo Azevedo, Wladimir Dias Pinto, Mário Chamie e José Paulo Paes, entre outros.

O movimento concretista se estendeu até o final da década de 1960 e exerceu forte influência nas artes, inclusive sobre o Tropicalismo (1967 a 1968), movimento musical formado por Caetano Veloso, Gilberto Gil, Tom Zé, Rogério Duprat e a banda os mutantes, entre outros artistas ou grupos. Ainda hoje, vários artistas, como o poeta e compositor Arnaldo Antunes, mantêm laços com as propostas concretistas.



Clique para assistir: https://www.youtube.com/watch?v=4_X0f09zuEE

A literatura de resistência e a poesia marginal

Com relação à situação política vivida pelo país desde o golpe militar de 1964, artistas da música, do teatro e da literatura passaram a fazer uma arte de resistência. Entre outros, foi o caso do escritor e compositor Chico Buarque de Holanda, do diretor teatral José Celso Martinez Corrêa, do ator e dramaturgo Gianfrancesco Guarnieri e dos escritores Thiago de Mello e Ferreira Gullar. Todos eles tiveram problemas com a censura, alguns chegaram a ser presos e todos viveram no exílio por alguns anos.

Nas décadas de 1970-1980 como meio de driblar a censura e as poucas opções editoriais, surgiu um grupo de poetas que resolveu produzir de forma independente suas publicações, na forma de revistas, jornais, folhetos mimeografados e pôsteres, e vendê-las diretamente ao público em portas de cinemas e teatros e em happenings e shows musicais. Essa literatura foi chamada de poesia marginal e contou com escritores como Wally Salomão, Ulisses Tavares, Cláudio Willer, Roberto Piva, Casaco, Chacal e Hilda Hilst, entre outros.

Sugestão clique aqui e assista: 1- <https://www.youtube.com/watch?v=dWmGwQCl32s>

2- <https://www.youtube.com/watch?v=ri49CNslcUI>

Você vai ler a seguir dois poemas de Ferreira Gullar, o primeiro foi produzido em 1963 e integra a obra *Dentro da Noite Veloz* e o segundo faz parte da obra *Muitas Vozes*, publicada em 1999.

Texto 1: Não há Vagas

O preço do feijão	a sonegação	não cabe no poema
não cabe no poema. O preço	do leite	com seu salário de fome
do arroz	da carne	sua vida fechada
não cabe no poema.	do açúcar	em arquivos.
Não cabem no poema o gás	do pão	Como não cabe no poema
a luz o telefone	O funcionário público	o operário

que esmerila seu dia de aço
e carvão
nas oficinas escuras
- porque o poema, senhores,
está fechado:

"não há vagas"

Só cabe no poema
o homem sem estômago
a mulher de nuvens
a fruta sem preço

O poema, senhores,
não fede
nem cheiro

Texto 2: Não coisa

O que o poeta quer dizer
no discurso não cabe
e se o diz é pra saber
o que ainda não sabe.

Uma fruta uma flor
um odor que relume...
Como dizer o sabor,
seu clarão seu perfume?

Como enfim traduzir
na lógica do ouvido
o que na coisa é coisa
e que não tem sentido?

A linguagem dispõe
de conceitos, de nomes
mas o gosto da fruta
só o sabes se a comes

só o sabes no corpo

o sabor que assimilas
e que na boca é festa

de saliva e papilas
invadindo-te inteiro
tal do mar o marulho
e que a fala submerge
e reduz a um barulho,

um tumulto de vozes
de gozos, de espasmos,
vertiginoso e pleno
como são os orgasmos

No entanto, o poeta
desafia o impossível
e tenta no poema
dizer o indizível:

subverte a sintaxe
implode a fala, ousa

incutir na linguagem
densidade de coisa
sem permitir, porém,
que perca a transparência
já que a coisa é fechada
à humana consciência.

O que o poeta faz
mais do que mencioná-la
é torná-la aparência
pura — e iluminá-la.

Toda coisa tem peso:
uma noite em seu centro.
O poema é uma coisa
que não tem nada dentro,

a não ser o ressoar
de uma imprecisa voz
que não quer se apagar
— essa voz somos nós.

Atividades

- O poema "Não há vagas" é organizado em duas partes.
 - Identifique os versos que pertencem a cada uma das partes.
 - De que trata cada uma dessas partes?
- Compare algumas das coisas que cabem e que não cabem no poema, de acordo com o poema "Não há vagas":

CABEM	NÃO CABEM
arroz	Homem sem estômago
feijão	Mulher de nuvens

luz	Fruta sem preço
telefone	
operário	

- a. De que tipo são as coisas que não cabem no poema?
- b. De que tipo são as coisas que cabem no poema?
- C. A oposição entre o que cabe e o que não cabe no poema revela duas concepções diferentes sobre o fazer poético. Quais são elas?
- d. O eu lírico se mostra favorável a uma delas? Se sim, qual? Justifique sua resposta.

- 3- O poema "Não coisa" também aborda o tema do fazer poético. Releia estes versos:
A linguagem dispõe
de conceitos, de nomes
mas o gosto da fruta
só o sabes se a comes
- a. Como o eu lírico vê a relação entre linguagem e objeto? Explique, utilizando elementos do poema.
 - b. Justifique o título do poema.
 - c. Diante do desafio, o poeta desiste? Justifique sua resposta com elementos do poema.
 - d. O que o poeta consegue fazer em relação ao objeto? Explique em que consiste sua ação.

- 4- Releia os últimos versos do poema "Não objeto":

O poema é uma coisa
que não tem nada dentro,
a não ser o ressoar
de uma imprecisa voz
que nao quer se apagar
- essa voz somos nós.

- a. O que há no poema?
- b. Interprete o último verso do poema: "- essa voz somos nós".

- 5- O poema "Não coisa" foi escrito quase 40 anos depois do poema "Não há vagas", e ambos abordam o tema da criação poética.
- a. Que diferença há na abordagem dos dois textos em relação a esse tema?
 - b. Que ideia sobre a criação poética está presente nos dois poemas?